



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Discurso de Sua Excelência Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique, no Banquete oferecido por ocasião da Sua Investidura como Presidente da República.

Maputo, 15 de Janeiro de 2019

Suas Excelências Chefes de Estado;

Senhora Presidente da Assembleia da República;

Venerando Presidente do Tribunal Supremo;

Venerando Presidente do Tribunal Administrativo;

Veneranda Presidente do Conselho Constitucional;

Digníssima Procuradora-Geral da República;

Digníssimo Provedor de Justiça;

Suas Excelências Senhoras Primeiras Damas;

Senhor Joaquim Alberto Chissano, Antigo Presidente da República;

Senhor Armando Emílio Guebuza, Antigo Presidente da República;

Digníssimos Deputados da Assembleia da República;

Senhor Presidente do Conselho Municipal da Cidade de Maputo;

Senhores Representantes de Governos;

Senhores Membros do Corpo Diplomático acreditados em Moçambique, aqui presentes;

Senhores Representantes dos Partidos Políticos;

Distintos Convidados;

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Em nome da minha esposa e em meu nome próprio, começo por desejar boas vindas a todos os Chefes de Estado e de Governo e às respectivas esposas aqui presentes, bem como a todos ilustres convidados a este Palácio da Ponta Vermelha.

Como referi, esta manhã, na Praça da Independência, assumo hoje o meu segundo mandato como Presidente da República de Moçambique. Quero aqui renovar os meus agradecimentos ao Povo, **o meu patrão**, que mais uma vez, depositou confiança em mim.

Ao iniciar o segundo mandato, devo reiterar uma palavra de gratidão a todos os que, antes de mim, exerceram a suprema magistratura da Nação Moçambicana, dando o seu imprescindível contributo.

Ilustres Convidados!

A nossa História recente é feita de ciclos singulares. No dia 15 de Janeiro de 2015, num dia como este, tomei posse, quando os nossos concidadãos estavam a ser fustigados por chuvas fortes e ventos nas províncias da Zambézia, Nampula e Cabo Delgado. O fornecimento de energia ficou interrompido, a partir da linha de transporte do distrito de Mocuba. Hoje, a situação volta a ser idêntica.

As populações das províncias de Cabo Delgado, Nampula e Zambézia vivem o drama da intransitabilidade, das inundações dos seus campos agrícolas, da destruição das suas habitações. Neste momento, cinco distritos da província de Cado Delgado estão sem corrente eléctrica como resultado da queda de postes de transporte na margem do rio Messalo.

Por isso, convoco os corações de todos para se juntarem a mim na solidariedade a estes compatriotas, cujo sofrimento se soma ao das vítimas de ataques dos malfeitores nas regiões Centro e Norte do país.

Lembramos, igualmente, as mais de seis centenas de vítimas dos ciclones IDAI e KENNETH, que deixaram um rasto de destruição, dor e devastação.

Não esquecerei jamais todo o sofrimento que presenciei com os meus próprios olhos, quando visitei pessoalmente as zonas afectadas pelo ciclone. Em cada criança, cada pessoa idosa, cada uma das vítimas com quem comunguei, eu entendi que a única medida do sofrimento dos outros é a nossa própria solidariedade. E percebi que naqueles que surgiam como vítimas havia uma força, uma resposta viva que convertia as vítimas em sujeitos de mudança. Essas pessoas já não eram meros sobreviventes, eram heróis vivos da própria Vida. Nesses dias em que testemunhei tanto e tão generalizado sofrimento, acabei recebendo mais dos outros do que eu pensava estar a oferecer. Obrigado a toda essa gente anónima por essa inesquecível lição de generosidade e de esperança.

Uma vez mais, quero, em nome dos moçambicanos, agradecer aos amigos de Moçambique, em África e no Mundo, que responderam ao nosso grito, não apenas como um acto humanitário, mas também um acto de **justiça global**.

Falei da ocorrência cíclica de intempéries. Mas esta coincidência tornou patente um outro ciclo, que é o ciclo da resiliência, da inesgotável capacidade de reconstruir do povo moçambicano.

Vou recitar um verso de René Char, transcrito do livro **“Raiz de Orvalho”**, do escritor moçambicano Mia Couto, que diz:

“No auge da tempestade, há sempre um pássaro para nos tranquilizar. É a ave desconhecida que canta antes de voar”.

Minhas Senhoras e Meus Senhores;

Compatriotas!

É verdade que sou Presidente da FRELIMO, mas também é mais verdade que a Presidência da República não é um cargo partidário.

Reafirmo que sou Chefe de Estado e Presidente de todos os Moçambicanos.

Quero que todos os meus compatriotas compreendam que a democracia não se esgota na escolha de um partido vencedor. Para que a democracia continue a vencer é preciso que o vencedor se comporte como se não houvesse maiorias nem minorias. A democracia não tem donos. A democracia não é um título de propriedade. É uma conquista de todos, uma vitória que precisa ser colectivamente validada, todos os dias. Não poderei ser um bom Presidente, nem poderemos ter uma melhor governação, sem uma boa e forte oposição.

Foi por este propósito de conciliação que percorri um longo caminho, juntamente com a liderança da Renamo e outras forças vivas da sociedade, para o aperfeiçoamento da democracia que hoje vivemos, dando todo o relevo ao processo de descentralização.

Se chegámos aqui, a uma democracia pluripartidária e a uma Paz que nunca mais permita que moçambicanos lutem contra moçambicanos, **foi porque prevaleceu um sentido de Estado, de Justiça e de Futuro no seio dos moçambicanos ao longo de mais de duas décadas.**

Continuarei a trabalhar de forma aberta com os outros partidos políticos, a quem se convencionou chamar de forças da “oposição”. Em lugar de oposição, Moçambique precisa do confronto livre e salutar de ideias. Renovo aqui um princípio que defendo desde sempre: não basta proclamar que não se pretende excluir. É preciso incluir de forma clara e substantiva. A inclusão não resulta da simples atribuição de cargo a quem é da oposição. A inclusão é muito mais do que a acomodação de um grupo restrito de compatriotas, seja qual for a sua origem. Incluir é ouvir os que pensam diferente. Incluir é dar oportunidades iguais a todos, é exercer justiça social, é promover o emprego.

Tenho repetido que as boas ideias não têm cor partidária. Todos sabemos do valor dos nossos recursos humanos e naturais. Mas não existe maior recurso que o pensamento e a criatividade de um povo. Deixemos que esse recurso sirva a construção desta nossa pátria que é a casa de todos os moçambicanos.

Na senda da consolidação da nossa jovem democracia, quero saudar a Investidura dos Deputados da Assembleia da República, com a sua composição integral e

completa. Os deputados eleitos dignificaram a nossa democracia. Parabéns Digníssimos Deputados da Assembleia da República. Uma nação necessita de instituições fortes e alimentadas por uma cultura democrática. É dentro destas instituições que nos podemos entender. É nestas instituições que as diferenças se expressam em democracia. É dentro destas instituições que se faz ouvir ao povo eleitor.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Dentro de dias, conhecerão o governo que decidi constituir para este mandato.

Sou imune a todas as pressões, embora em democracia, elas sempre existam. A única pressão que pesou em mim, foi o interesse nacional de Moçambique.

No meu governo, não haverá direitos adquiridos por ninguém. Mais do que cargos todos terão uma missão. A todos será exigida ética, competência, lealdade, bom senso e humildade. Exigirei trabalho em equipa, satisfazendo as exigências do Povo. Darei sempre preferência aos desfavorecidos, através de obras concretas como a construção de escolas, centros sanitários, energia, água, estradas. Darei prioridade à produção de comida e de culturas de rendimento. Usarei todas as minhas competências para construir um governo prático, focalizado nos resultados, um governo terra-a-terra.

Mais de 60% dos membros do Governo serão novas caras, não porque a minha equipa anterior não pudesse fazer mais, mas porque o balneário moçambicano é de altíssima qualidade. Essa condição privilegiada permite dar oportunidade a novos compatriotas com diferentes experiências.

O indicador do equilíbrio de género dentro do governo continuará a melhorar e, neste ciclo, a média etária dos governantes tenderá a rejuvenescer.

Irei profissionalizar ou especializar sectores determinados para tornar a governação ágil flexível, sustentável, prática, capaz de resolver problemas concretos desses específicos sectores. No processo do nosso funcionamento, procuraremos evitar a

criação de estruturas pesadas. O mundo de hoje é o de desafios sempre renovados. Essa condição exige de nós um elenco renovado e capaz de se renovar constantemente.

Compatriotas!

O Estado não se esgota no governo, como muitos pensam. Há várias posições relevantes no tão diverso quadro institucional de Moçambique. Esse quadro diversificado pede o concurso do talento e da experiência de um amplo leque de quadros, cuja vontade seja servir Moçambique.

O meu governo irá capitalizar esses talentos nacionais. A inclusão destas valências constitui uma prática que iniciámos, ainda que forma tímida no ciclo findo. Queremos aprofundar essa experiência.

Nesta gama de possíveis enquadramentos, iremos exigir de todos o mesmo sentido de Estado e Patriotismo.

Ilustres Convidados;

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

O primeiro mandato já é passado. É necessário, no entanto, ter presente o ponto de partida. E esse ponto de partida tem um nome: unidade nacional. A consolidação da unidade exige uma renovada estabilidade política, exige que a confiança mútua prevaleça entre nós.

O País viu assinado o entendimento para uma Paz definitiva, e nenhum de nós tem dúvida de que a Paz é a principal condição para o desenvolvimento. Os nossos compatriotas não ouviram - nem nunca ouvirão - o Governo da Nação fazer discursos que dividam o País por tribos, etnias, regiões ou religiões. Servimos todos os Moçambicanos, respeitamos as suas crenças e acreditamos, como temos dito, que é na diversidade que reside a nossa principal riqueza. Moçambique é um só, grande e

vasto, desde a última aldeia do Norte em Kionga, à mais recôndita aldeia do Sul na Ponta do Ouro.

Na esfera económica, é importante, neste primeiro dia do segundo mandato, deixar claro que a estabilidade e o rigor macro-económicos são uma condição imprescindível para o crescimento. **Um País bem governado precisa de um Estado austero consigo próprio.** Queremos Moçambique a crescer acima da média; queremos que a inflação continue controlada; queremos uma despesa pública assente em critérios sustentados.

Não deixaremos derrapar a despesa, nem deixaremos disparar a dívida: esse é o legado de normalidade, de segurança e de prudência, que queremos deixar aos Moçambicanos de hoje e de amanhã. Não podemos prometer o que não temos, mas podemos e devemos comprometermo-nos com uma regra: **finanças saudáveis e economia em contínuo crescimento permitem uma sociedade menos desigual, mais justa e mais equitativa.**

Permitam-me que agradeça à equipa do governo que me acompanhou, no meu primeiro ciclo, a todos os níveis e em todos os escalões.

Podemos dizer, hoje, que trabalhamos como uma equipa firme e coesa. Foi isso que nos permitiu, mesmo debaixo de tantas adversidades, levar o nosso barco a um bom porto.

Desejo muita sorte em missões que se seguem. Da experiência que acumularam, não tenho dúvidas de que não ficarão de braços cruzados a reclamar oportunidades. Encontrarão espaços para produzir de diferentes formas, sem fazer uso de regalias herdadas.

Sei também que não procurarão fazer sombra aos vossos sucessores. Permitirão que esta nova equipe trabalhe com toda a sua criatividade como foi feito para o vosso caso.

Não deixarei nunca de reconhecer o grande mérito do vosso trabalho. Por isso exprimo, de forma inequívoca, a minha gratidão pela vossa entrega abnegada, pelo vosso espírito de missão cumprida.

A terminar, convido para que me acompanhem num brinde:

À Paz em Moçambique;

Ao crescimento da democracia;

Ao Desenvolvimento de Moçambique;

Ao crescimento das relações de amizade e cooperação com os países irmãos aqui presentes;

À saúde de todos aqui presentes.

Muito obrigado pela atenção!